



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
PEDAGOGIA**

LUCIANA SALGADO SPIELKAMP

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO:
O REAGRUPAMENTO EM UMA ESCOLA CLASSE DO DISTRITO FEDERAL**

BRASÍLIA

2023

LUCIANA SALGADO SPIELKAMP

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO:
O REAGRUPAMENTO EM UMA ESCOLA CLASSE DO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ireuda da Costa Mourão.

BRASÍLIA

2023

SPIELKAMP, Luciana Salgado

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO: OREAGRUPAMENTO EM UMA ESCOLA CLASSE DO DISTRITO FEDERAL / LUCIANA SALGADO SPIELKAMP; orientador IREUDA DA COSTA MOURÃO. -- Brasília, 2023. 46 p.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia – Universidade de Brasília, 2023.

1. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO. 2. REAGRUPAMENTO NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO. 3. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA. 4. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA
I. MOURÃO, Ireuda da Costa, orient. II. Título.

LUCIANA SALGADO SPIELKAMP

**MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO:
O REAGRUPAMENTO EM UMA ESCOLA CLASSE DO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Brasília, 24 de abril de 2023.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a. Ireuda da Costa Mourão (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB

Prof.^a Dr.^a. Andréia Mello Lacé (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB

Prof.^a Me. Lucimara Gomes Oliveira de Moraes (Examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB

Prof.^a Me. Ana Carolina de Azevedo Oliveira Santos (Suplente)
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF

Dedico este trabalho às minhas filhas e ao meu marido, que acreditaram na minha capacidade e muito me incentivaram durante toda a minha formação como futura educadora. Eles me deram a certeza de que tudo vale a pena quando se busca a realização de um sonho.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus que me protegeu e me iluminou durante toda esta jornada. A minha fé me conduziu diariamente e me fez perceber que o estudo e o conhecimento fortalecem a confiança na existência do Pai Maior.

Agradeço às minhas filhas Beatriz e Sophia pela ajuda em todas as horas, pela compreensão quando eu não estava tão disponível e pelo companheirismo nos momentos de luta e conquista.

Agradeço ao amor da minha vida, Walter, que sempre me incentivou e me fez acreditar que era possível alcançar o meu tão desejado diploma. Nas horas mais difíceis foi ele que segurou na minha mão e deu a base que eu precisava para seguir adiante.

Agradeço à minha orientadora, Ireuda Mourão, por todo o carinho e paciência. Pelo exemplo de calma e resiliência que tanto me inspira e que muito me ajudou na hora da escrita do meu trabalho.

Agradeço a Ana Gabriela Militão, uma amiga que a UnB me deu e que vou levar por toda vida. Ela esteve sempre ao meu lado, escutou minhas dores, acolheu meu choro, compartilhou risadas e foi um dos presentes que vou guardar para sempre no meu coração.

*Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos
que olham, dos ouvidos que escutam, há uma
criança que pensa.*

(Emilia Ferreiro)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo conhecer que tipo de mediação docente tem sido realizada no Reagrupamento do Bloco Inicial de Alfabetização, a fim de apontar contribuições, limites e desafios desta proposta em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal. A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e utilizou como técnica de pesquisa para gerar os dados a entrevista semiestruturada com seis professores de uma escola da Secretaria de Educação do Distrito Federal. As entrevistas foram aplicadas no primeiro semestre de 2023. Os conceitos abordados na pesquisa foram: interação social, mediação pedagógica, alfabetização e letramento, sendo os principais autores utilizados: Vygotski,(1998,2001) Emília Ferreiro (1999, 2015), Ana Teberosky (2015) e Magda Soares_(2020, 2021,2022). Os resultados sinalizaram que o Reagrupamento como intervenção pedagógica é uma estratégia que coloca em perspectiva o aprendizado em grupo e as possibilidades que o docente pode ter de atuação. O estudo permitiu identificar os desafios e as dificuldades, que são muitos e complexos, entre eles o excesso de crianças em sala de aula, a falta de um auxiliar na aplicação das atividades, frustrações dos docentes em relação a como realizar o reagrupamento. Por outro lado, foi possível constatar que os professores compreendem seu papel de mediador no processo de alfabetização, utilizando atividades lúdicas, e na medida do possível, realizando atividades em grupos para atender as necessidades das crianças detectadas a partir do teste diagnóstico da Psicogênese.

Palavras-chave: alfabetização; mediação pedagógica; intervenção pedagógica; reagrupamento.

ABSTRACT

The present study aims to gather the knowledge related to the form of teaching mediation that is performed during the proceedings of pedagogical intervention, more specifically in the initiatives related to the regrouping of classes in the Primary Literacy Section ("Bloco Inicial de Alfabetização") in a public school of the Federal District, as to offer insights, propose limits and expose challenges of this proposition. The current research is based on a qualitative approach and in order to generate the necessary data, relied on semistructured interviews of six teachers, currently working in a school from the Federal District's State Department of Education, as the method of assessment. The interviews were carried out in the first semester of 2023. The concepts focused on in the current work were the following: social interaction, teaching mediation, alphabetization and literacy, according to the following authors: Vygotski (1998,2001) Emília Ferreiro_(1999,2015), Ana Teberosky_(2015) and Magda Soares (2020,2021,2022). The results pointed out that Regrouping, as a teaching intervention, is a strategy that puts the collective learning experience in proper perspective, presenting teachers with some learning possibilities that might be available. The current study allowed the recognition of the many challenges and difficulties of the subject, in its various degrees of complexity, such as the excessive count of students in each classroom; the lack of support staff to carry out related activities; the frustration of the teaching staff, regarding the lack of knowledge of the proper methods of execution of Regrouping. On the other hand, the current study did allow the conclusion that teachers do comprehend their roles as mediators in the literacy process, by using recreational activities as much as by employing group activities to assist the indicated children, according to the results from the Psychogenesis diagnostic test.

Key terms: alphabetizatio; teaching mediation; teaching intervention; regrouping.

SUMÁRIO

MEMORIAL FORMATIVO	11
1. INTRODUÇÃO	18
2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	22
3. A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E O PROFESSOR ALFABETIZADOR	26
4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	29
4.1 METODOLOGIA.....	29
4.2 - CARACTERÍSTICAS DO CAMPO: A ESCOLA E OS SUJEITOS	31
5. O BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO E O REAGRUPAMENTO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL	31
6. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E REAGRUPAMENTO NA ESCOLA CLASSE: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES	34
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
8. REFERÊNCIAS.....	43

MEMORIAL FORMATIVO

Meu nome é Luciana Salgado Spielkamp, nasci em Brasília, no dia 02 de janeiro de 1974, no antigo Hospital da L2, hoje Hospital Materno Infantil de Brasília. Sou filha de Milton Salgado e Dulcinea Salgado. Meus pais são filhos de pioneiros, ambos chegaram em Brasília ainda criança, meu pai com 13 anos e minha mãe com 9. A família do meu pai veio de Ceres, uma pequena cidade do norte de Goiás. A família da minha mãe veio de Governador Valadares, cidade do interior de Minas Gerais.

Sou a primogênita, em uma família com mais duas irmãs: Livia e Liliane. Passei a minha infância toda na cidade satélite do Guará. Fui alfabetizada em uma pequena escola de educação infantil, o Geebinho. Lá a Tia Tânia foi a mestra que me ensinou a ler e a escrever, ganhou o meu coração para a vida inteira. Nas minhas memórias mais afetivas sempre vejo ela nos ensinando as lições da cartilha Caminho Suave. Nunca me esqueci do B do bebê e do F da faca. Amava ver o meu nome escrito na plaquinha de cartolina que ficava na minha frente, na carteira que eu me sentava. Que orgulho eu tinha toda vez que copiava o meu nome, fazendo igualzinho como estava na plaquinha.

Depois segui minha vida escolar em escolas públicas e também tive professores que entraram na minha vida, por relações de afeto como a Tia Sônia, Tia Glória e Tia Helena, além da professora Ana Nery, que me despertou o interesse pelos estudos de História do Brasil. Já a professora Domingas, minha professora de Português da antiga 6ª série, percebeu que eu gostava muito de escrever e me propôs participar em um concurso de redação promovido pelo DETRAN-DF, como representante da minha escola.

Assim fui descobrindo uma apaixonada por escrever, logo comecei a ler muito e a exercitar a escrita com certo destaque na minha vida escolar. Apesar da pouca instrução dos meus pais, meu pai concluiu o ensino médio na Educação de Jovens e Adultos e minha mãe estudou só até a 8ª série, sempre me incentivaram a ler muito: jornal, revistas, livros de literatura ou até mesmo bula de remédio. Meu pai com muito esforço assinava a revista Veja, que era importante fonte de informação, em um tempo que não tinha internet e todo domingo na minha casa não faltava o Correio Braziliense, o jornal local mais conhecido de Brasília.

No ensino médio estudei em uma escola particular, que tinha como foco o vestibular. Passei 3 anos da minha vida estudando para passar na UnB, ao mesmo tempo que sabia que teria que arrumar um emprego, pois a situação financeira na minha casa não era das melhores. Somente meu pai trabalhava, era motorista do Ministério da Fazenda e complementava a renda como taxista. Minha mãe era muito presente, principalmente me incentivando a estudar, a ter um curso superior. Ela sempre dizia que a minha independência viria dos meus estudos.

Passei no vestibular da UnB e comecei a cursar Serviço Social, ao mesmo tempo tinha um namorado que queria casar o quanto antes, fazendo com o que eu mudasse o meu foco. Acabei criando outras expectativas para a minha vida. Tive uma grande decepção que me fez crescer e amadurecer, ao mesmo tempo que me distanciei dos meus sonhos, dos meus estudos e o desejo de ter um diploma ficou guardado, quase esquecido.

O tempo passou, me separei do meu primeiro marido, conheci o meu parceiro de vida e me casei novamente. Com o Walter, tivemos nossas duas filhas: Beatriz e Sophia. O casamento e a maternidade me fizeram repensar a minha vida e resolvi abandonar os estudos de vez por um longo tempo. O suficiente para acreditar que nunca mais a vida acadêmica seria possível para mim. Durante mais de duas décadas fui dona de casa, esposa e mãe e, em alguns intervalos, trabalhei fora de casa também para ajudar a complementar a renda: fui locutora, bancária, fiz bolos por encomenda e outras atividades que desenvolvia enquanto me dedicava à criação das minhas filhas.

Mesmo com a vida tomando outros rumos, fui deixando de lado o meu sonho de ter uma profissão, de concluir um curso superior, de me realizar também como acadêmica. Seguiu o mesmo caminho traçado pela minha mãe ao incentivar as minhas filhas na escola, nos sonhos de ter uma carreira, de ser reconhecida pela forma de agir, de ser e principalmente de pensar.

Em 2019, com a minha missão de mãe em boa parte concluída, decidi voltar a estudar. A minha filha mais velha, me chamou para fazer o vestibular de meio do ano da UnB, além de me inscrever no ENEM de 2019. Ela iria fazer o ENEM e achava que eu deveria fazer também pois acreditava que eu tinha grandes chances

de passar, uma vez que ela sempre me via lendo, escrevendo e ajudava tanto ela quanto a irmã em atividades da escola.

Abracei o desafio e fiz a inscrição para o curso de Letras Português, noturno e para o ENEM. Mesmo depois de tantos anos sem entrar em uma escola, fui capaz de passar na 1ª chamada da UnB. Fiz 2 semestres de Letras Português. Me sentia apaixonada pelo curso, muitas leituras que me encantavam, professores que me inspiravam e a língua portuguesa como objeto é ainda mais apaixonante. Ali já surgia uma vontade de atuar na área da educação. O desejo de mudar o mundo vinha na minha mente com mais constância.

Acredito que o meu retorno à UnB se deu no momento certo e necessário. Me senti pronta para aproveitar de fato todo o conhecimento que a vida acadêmica tem para oferecer. Deixei de acreditar que aprendizado e aquisição de conhecimento tenham prazo de validade e idade adequada para se estudar, pesquisar e mesmo iniciar uma carreira.

Veio a Pandemia e uma nova visão de mundo surgiu na minha vida. A situação financeira da minha família passou por mudanças. Um novo tempo de reflexão e transformação se fez presente. Vi que queria ser alguém que iria efetivamente fazer a diferença no mundo, ter a possibilidade de abrir o horizonte de outras pessoas, compartilhar conhecimento. Surge a certeza que era hora de me tornar mais assertiva em busca de uma carreira profissional na área da educação.

No primeiro semestre de 2020, ainda em Letras Português, fiz duas disciplinas da Faculdade de Educação: Psicologia da Educação e Organização da Educação Brasileira que me envolveram completamente e me deixaram bastante reflexiva. Aí veio a certeza que o meu caminho era a Pedagogia, mas ficou como algo a ser pensado mais para frente. No entanto, quando algo tem que ser, tem que acontecer, o imponderável acaba agindo. Devido a Pandemia a UnB teve que utilizar a nota do ENEM 2019 para preencher as vagas do segundo semestre de 2020 e então assim conquistei a minha vaga no curso de Pedagogia, diurno, mais uma vez na primeira chamada.

Enfim me encontrei no curso de Pedagogia, me realizei como estudante e comecei a traçar a minha trajetória acadêmica: sou uma aluna muito dedicada, presente e busco sempre leituras que agregam a minha formação. Fui monitora de

três disciplinas que muito me inspiraram e que me motivaram a querer ser uma educadora: Psicologia da Educação, Processo de Alfabetização e Ensino e Aprendizagem da Língua Materna. Em especial, as duas últimas monitorias me trouxeram experiências transformadoras a partir do compartilhamento de aprendizagem, do enriquecimento de leituras propostas e também no exercício de uma "docência" enquanto orientava os grupos de estudantes que contavam com o meu auxílio durante o semestre.

Particpei ainda de Projeto de Extensão: **CENTRO MEMÓRIA VIVA E DOCUMENTAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR, EJA E MOVIMENTOS SOCIAIS DO DF**, coordenado pelo prof. Erlando Rêse, que foi uma grande oportunidade de participar de debates e palestras na área de educação popular e alfabetização de adultos. Fiz parte de um projeto de iniciação científica, PIBIC, com o prof. Gilberto Lacerda, cujo tema era **AVALIAÇÃO DO POTENCIAL DO YOUTUBE COMO DISPOSITIVO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO PARTICIPANTES DA I VÍDEO-CIÊNCIA**, foi enriquecedor pois me trouxe experiência e aprendizados relativos à pesquisa científica, apresentação de trabalhos em eventos da comunidade acadêmica e escrita de artigos científicos.

A Faculdade de Educação me deu duas professoras de presente, minhas mestras e que são o meu modelo de educadoras: Ireuda Mourão e Andréia Lacé. A professora Ireuda quando comecei a cursar Pedagogia era a coordenadora da graduação e muito me auxiliou e me acolheu, sempre solícita e paciente e mesmo sem saber me ajudou muito a permanecer no curso com aquele olhar calmo e uma fala cheia de serenidade que me trazia conforto e a certeza do caminho certo. Hoje quando estou terminando a graduação tenho ela ao meu lado me orientando no meu trabalho de conclusão de curso e o sentimento que me invade é o de gratidão. Já a professora Andréia Lacé me ajudou a consolidar o desejo de me tornar uma educadora e me mostrou que docilidade e assertividade são características que fazem de um pedagogo um profissional diferenciado e que tem o poder de transformar vidas.

Fora da UnB busquei ser Educadora Social Voluntária, em uma escola da rede pública do Distrito Federal, entre janeiro e junho de 2022. Onde atuei com crianças da educação infantil com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Trabalho enriquecedor que muito agregou a minha formação. Os estágios 1 e 2 realizados

em escolas públicas, sedimentaram o meu desejo de ser professora do ensino público, de atuar dando uma contrapartida a sociedade brasileira que de alguma forma financiou a minha formação como educadora.

O estágio 2 foi realizado com uma turma de 2º ano do BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO (BIA) e ocorreu em uma escola do Plano Piloto, especificamente com crianças entre 7 e 8 anos. Proporcionou-me uma experiência transformadora por permitir perceber a educação como algo processual, ao mesmo tempo que é tão individual e singular para cada um dos atores envolvidos. Ver nos olhos de cada uma das crianças o conhecimento ganhando forma e reverberando no processo de crescimento me fez perceber a importância da ação educativa e o seu sentido na minha formação como pedagoga.

Estar à frente de uma turma de crianças me fez perceber o papel importante que a mediação do conhecimento proporciona ao professor. Como já dizia Paulo Freire (1996) o docente aprende enquanto ensina e ensina enquanto aprende. Não sendo o único detentor do conhecimento frente aos seus alunos, que também são donos de conhecimentos trazidos de casa, da família e do meio em que convivem.

O estágio foi uma oportunidade de aprendizado e um exercício de humildade. Percebi o caminho que queria traçar para o trabalho final da minha graduação. Foi um período em que a criança sentada ali na minha frente me deu a chance de praticar a teoria da graduação de uma forma direta e de integração imediata de conteúdo e ensino, mas o principal me fez entender o papel significativo que um educador tem na construção de um mundo melhor, com pessoas cientes dos seus direitos e deveres.

Tive contato com projetos de intervenção pedagógica elaborados com a finalidade de minimizar as dificuldades de aprendizagem das crianças por causa da Pandemia¹. Acompanhei por uma semana a atuação da professora regente no projeto de Reagrupamento, que envolve todas as turmas do Bloco Inicial de Alfabetização e me encantei com a possibilidade de em grupos heterogêneos de ter a oportunidade de promover o compartilhamento de aprendizagens de leitura e

¹ A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, ainda está em curso no ano de 2023 e só no Brasil já matou quase 700 mil pessoas. Teve início no ano de 2020 e exigiu o isolamento social por quase dois anos. O que levou escolas de todo o país a serem fechadas e adotarem o ensino remoto.

escrita mesmo entre crianças em idades diferentes, mas no mesmo estágio de alfabetização.

Ainda durante a minha trajetória acadêmica pude ainda fazer parte da Residência Pedagógica², retornando à escola que foi meu campo de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Foi interessante perceber por uma outra perspectiva o exercício do professor no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, uma vez que até então só tinha experimentado a docência compartilhada e presencialmente supervisionada pela professora regente da turma durante os estágios obrigatórios realizados. Com a Residência Pedagógica ganhei como experiência a oportunidade de regência esporádica em turmas de 2º e 5º anos, além da observação participativa em reuniões de coordenação e conselho de classe que me proporcionaram contrastar teoria e prática, que às vezes andam totalmente separadas, bem como pude perceber um certo distanciamento entre a Universidade e as escolas de educação básica. Essa oportunidade me enriqueceu muito e me fez ver que a necessidade de continuar buscando conhecimentos e formação é uma constante na vida do educador.

Minha formação tem como objetivo a consolidação de conhecimentos e experiências que irão fomentar a futura atuação na área de educação. Como pedagoga, quero servir de instrumento para atuar na formação de crianças, jovens e no auxílio de pessoas que só descobrem o conhecimento com maturidade, seja por falta de oportunidade, falta de vontade ou de mudança de vida. Desejo ainda atuar buscando formas de ensino mais eficientes, estudando novos processos educacionais e seguir na seara da pesquisa científica.

O meu interesse pela alfabetização, em especial, é por acreditar que o professor se torna imortal para aqueles que um dia ele auxiliou na descoberta das primeiras letras e palavras. Segundo Rubens Alves (1994, p.04) “Ensinar é um

² O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso.

Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora.

A Residência Pedagógica, articulada aos demais programas da Capes compõem a Política Nacional, tem como premissas básicas o entendimento de que a formação de professores nos cursos de licenciatura deve assegurar aos seus egressos, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação básica.

exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor assim, não morre jamais...”

Hoje reflito o quão necessário foi viver o que vivi para me tornar este alguém que me orgulho de ser. Tenho um pensamento do filósofo Heráclito de Éfeso como um norteador para a minha vida: "Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas, e o próprio ser já se modificou." Assim eu encaro a minha escolha pela educação como uma forma de fazer e ser melhor.

1. INTRODUÇÃO

O estudo proposto foi realizado como trabalho final de curso da graduação em Pedagogia, da Universidade de Brasília e tem como tema o processo de Alfabetização no projeto de Reagrupamento realizado com crianças do Bloco Inicial de Alfabetização. Destacando a mediação e a intervenção pedagógica desenvolvidos durante as ações de ensino e aprendizagem adotadas no Reagrupamento.

A Alfabetização é um processo de aprendizagem fundamental no desenvolvimento do indivíduo e apresenta resultados que reverberam por toda a vida, além de ser acompanhado de questões socioafetivas que se somam aos processos de aquisição da leitura e da escrita. As relações e interações são a base para que este processo seja consistente e compartilhado em sala de aula pelos atores envolvidos: crianças e professores. Assim, é possível compreender que a Alfabetização é um conjunto de habilidades, que se caracteriza por sua complexidade e pelas diversas facetas que esse processo pode assumir (SOARES, 2020).

A mediação do professor e a sala de aula, como espaço de interação, troca e ajuda mútua são essenciais na proposição de um procedimento educativo efetivo e de êxito, em especial no período da Alfabetização, que demanda um método sistemático, intencional e planejado, sendo a escola o espaço social encarregado dessa função. As relações estabelecidas durante o processo de alfabetização são permeadas de curiosidades, constatações de acertos e erros, esse papel de mediador, resgate de memórias e construções afetivas que alimentam a relação estudante e professor, por isso, esse papel de mediador é fundamental na alfabetização, uma vez que, “os conceitos da criança se formaram no processo de aprendizagem, em colaboração com o adulto” (VYGOTSKY, 1998, p. 92).

A mediação pedagógica possui um componente afetivo. Nada substitui o contato com a criança, o olhar, a palavra de estímulo. Pegar na mão para ajudá-la a escrever algo, convidá-la para vir ao quadro, apontar uma palavra com o dedo, ler de forma partilhada com ela pequeno texto, uma frase, uma palavra, uma letra. Todas essas ações fazem parte do processo e permitirão que, um dia, possam ler e escrever com autonomia, sem ajuda. A conquista dessa autonomia é fundamental na continuidade dos estudos e no seu processo de constituição de sujeito. (MAINARDES, 2021, p.138)

Desta forma, a interação no espaço escolar auxilia de uma forma colaborativa, a troca de conhecimentos e a consolidação do aprendizado no processo de Alfabetização. O trabalho em grupos pode ser uma alternativa que proporciona a identificação de dificuldades e a compreensão do conteúdo em diversos níveis. Sendo, para o professor, um instrumento de análise de potencialidades e de informações, de uma forma mais ampla e consistente, pois traça um cenário que contempla todos os estudantes dentro de suas características e possibilidades.

Conforme o Currículo em Movimento do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 201), as crianças a partir dos 06 anos, que frequentam a rede de ensino pública do Distrito Federal, são inseridas no Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), que é composto pelas 3 séries iniciais do ensino fundamental e tem como objetivo o letramento consistente e sedimentado dos estudantes após a conclusão do 3º ano. Segundo às Diretrizes Pedagógicas da SEEDF (2014), não há retenção dos estudantes durante esse período, mesmo que não tenha ocorrido o alcance dos objetivos de aprendizagens previstos para o final dos 1º e 2º anos, ressaltando com essa ação uma preocupação com a qualidade do ensino, o combate a evasão escolar e a permanência das crianças na escola.

Diversos fatores são destacados como dificultadores para o alcance da educação com qualidade, entre eles, o de caráter social relacionado ao acesso, à permanência e ao aproveitamento escolar. Nessa perspectiva, assegurar a todo estudante tempos e espaços de convivência escolar e oportunidades concretas de aprender, como preconiza o Bloco Inicial de Alfabetização, é importante para mantê-lo na escola e promover suas aprendizagens. (DISTRITO FEDERAL, 2014, p.15)

Levando em consideração as diversas fases que o processo de Alfabetização demanda, nas unidades de ensino da SEEDF é feito um trabalho de Reagrupamento entre as crianças avaliando e recompondo grupo de estudantes de diferentes níveis de leitura e escrita. Esse trabalho é realizado a partir de vários instrumentos de avaliação que permitem a percepção do docente em relação aos estudantes e suas potencialidades.

O Reagrupamento é uma estratégia de trabalho em grupo, que atende a todos os estudantes, permitindo o avanço contínuo das aprendizagens a partir da produção de conhecimentos que contemplem as possibilidades e necessidades de cada estudante, durante todo o ano letivo. Possibilita a mediação entre pares, pois os próprios estudantes auxiliam uns aos

outros, na socialização de saberes e experiências. (DISTRITO FEDERAL, 2014, p.56.)

Segundo as Diretrizes, pode-se dizer, que o trabalho com Reagrupamento possibilita identificar dificuldades, mas também potencialidades, a partir de ações de sondagem e diagnóstico, a fim de que se faça um planejamento de atividades que melhor atendam às necessidades de aprendizagem das crianças em processos de Alfabetização. Conforme o Currículo em Movimento, o Reagrupamento nas turmas do Bloco Inicial de Alfabetização deve ser realizado de duas formas: entre os estudantes da mesma turma, denominado de intraclasse, e entre todos os estudantes dos três anos que compõem o referido bloco, o reagrupamento interclasse (DISTRITO FEDERAL, 2018).

Desta forma, é possível inferir que o papel de mediador no processo de Alfabetização não se restringe ao professor, pois as crianças também trocam experiências e saberes durante as atividades, isto significa que, mesmo de forma não intencional, também são mediadores umas das outras. Este é um cenário que colabora para a criação de uma ação desafiadora para o professor que irá conduzir as atividades propostas durante o Reagrupamento. Como lidar com expectativas de diferentes crianças e ao mesmo tempo com dificuldades tão próximas? Como buscar materiais e estratégias que facilitem a integração entre os participantes do Reagrupamento? Como avaliar um público tão heterogêneo?

O estudo tem como objetivo geral **conhecer o tipo de mediação docente que tem sido realizada no Reagrupamento do Bloco Inicial de Alfabetização, a fim de apontar contribuições, limites e desafios desta proposta em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal.** Para se alcançar o objetivo geral foram propostos os seguintes objetivos específicos:

i) verificar o que afirmam os documentos oficiais sobre o Reagrupamento no Bloco Inicial de Alfabetização;

ii) analisar as percepções de professores e da coordenadora pedagógica de uma escola pública da rede ensino do DF sobre o Reagrupamento e a mediação no Bloco Inicial de Alfabetização;

iii) identificar contribuições, limites e desafios da ação do professor alfabetizador no trabalho de Reagrupamento;

Para a realização deste estudo, a metodologia utilizada está fundamentada em uma perspectiva qualitativa. De acordo com Marconi e Lakatos (2010), a abordagem qualitativa tem como objetivo analisar e interpretar aspectos mais consistentes, descrever a complexidade do comportamento humano e ainda fornecer análises mais detalhadas de pesquisas, atitudes e tendências comportamentais. Assim, é possível reconhecer que a ênfase na abordagem qualitativa está implicitamente focada no processo e no significado.

Para tanto, o trabalho foi desenvolvido considerando um arcabouço bibliográfico, a partir da leitura de artigos científicos, legislações educacionais diversas das alçadas dos governos federal e distrital, sites educacionais e de estudos de diferentes teóricos e pesquisadores.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (SEVERINO, 2007, p.122).

Para Marconi e Lakatos (2017) a análise minuciosa das fontes documentais é essencial para obter informações relevantes e embasadas, que servirão como apoio essencial para a pesquisa de campo. Essa análise permite identificar lacunas no conhecimento existente, formular hipóteses e direcionar a investigação de maneira mais precisa. Os referidos autores ainda classificam as fontes em primárias e secundárias

a) Fontes primárias: dados históricos e bibliográficos, registros oficiais e documentos originais produzidos durante o período de interesse da pesquisa.

b) Fontes secundárias: trabalhos acadêmicos, livros, artigos científicos e relatórios que apresentam análises e interpretações de fontes primárias.

Os procedimentos utilizados na presente pesquisa foram apoiados em fontes primárias e secundárias, além de entrevistas semiestruturadas.

Para atender aos objetivos desta pesquisa, decidiu-se gerar os dados *in loco*, a partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas. A entrevista semiestruturada foi aplicada a 6 professores de uma Escola Classe que atuam ou já atuaram com o Bloco Inicial de Alfabetização. Foi realizada individualmente, a partir de um roteiro prévio com 6 perguntas abertas. As falas dos educadores proporcionaram a análise das experiências, anseios, dificuldades e reflexões que surgem na prática docente durante a realização do Reagrupamento.

Este artigo foi organizado a partir da premissa do artigo científico que tem como base introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Sendo que o desenvolvimento é composto por 5 tópicos, na seguinte ordem: alfabetização e letramento; intervenção pedagógica e o professor alfabetizador, o Bloco Inicial de Alfabetização e o Reagrupamento nos documentos oficiais da Secretaria de Educação do Distrito Federal e mediação pedagógica e Reagrupamento na escola classe: percepções dos professores.

Desta forma, a importância do referido estudo corrobora para se investigar as relações de ensino que cercam o professor ao mediar ações que envolvam a aprendizagem para a aquisição e consolidação do processo de Alfabetização. Dando ênfase à experiência dos docentes e crianças com níveis de leitura e escrita diferentes.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A necessidade de comunicação em um mundo escrito, exige desde cedo uma proximidade do indivíduo com o universo das letras. As ideias de comunicação são concebidas inicialmente na infância a partir da fala, do movimento corporal e dos desenhos que traduzem o mundo para cada sujeito. Aos poucos, as letras vão sendo introduzidas, vão ganhando significado, vão se juntando e formando conceitos, gerando ideias e promovendo a compreensão do mundo e da vida em sociedade.

Para Soares (2020), a Alfabetização está vinculada a aspectos culturais, econômicos e tecnológicos, mas também abrange enfoques como: o ato “mecânico” de ler e escrever, o uso da língua escrita como um meio de expressão e compreensão, além da aquisição de uma habilidade mais autônoma e

independente de comunicação em relação a oralidade e, ainda, a consolidação das funções sociais de aprendizagem da língua escrita.

O Letramento vai além da apropriação do sistema da escrita, sendo uma habilidade que envolve reflexão e construção de conceitos que perpassam a vida em sociedade. A partir de ideias e significados que vão formando uma sequência estruturada de imagens e códigos que fomentam a língua. Assim, para Soares (2021) o Letramento é a prática social da leitura e da escrita.

A diferenciação entre Alfabetização e Letramento passa pela apropriação da escrita e pelo aprendizado da leitura e da escrita e, também pela necessidade de se destacar que são processos interdependentes e indissociáveis, onde o sujeito deve ser alfabetizado e letrado ao mesmo tempo, conforme afirma Soares (2021, p. 64)

alfabetização - entendida como aquisição do sistema convencional de escrita - distingue-se de letramento - entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também desses diferentes objetos. Tal fato explica por que é conveniente a distinção entre os dois processos. Por outro lado, também é necessário reconhecer que, embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Dentro de uma perspectiva do que é Alfabetização e, por conseguinte, uma distinção do que é Letramento, se faz necessário destacar o trabalho de Emília Ferreiro, que tem como principal fonte de pesquisa e inspiração para o seu estudo sobre leitura e escrita, a Teoria Cognitiva de Piaget. Essa estudiosa buscou compreender como as crianças se alfabetizam, considerando o que estas pensam sobre a escrita, elaboram hipóteses e interagem desde muito pequenas com o mundo letrado.

Quando procuramos compreender o desenvolvimento da leitura e escrita, do ponto de vista dos processos de apropriação de um objeto socialmente constituído (e não do ponto de vista da aquisição de uma técnica de transcrição), buscamos ver se havia modos de organização relativamente estáveis que se sucediam em certa ordem. Agora sabemos que há uma série de modos de representação que precedem a representação alfabética da linguagem. (FERREIRO, 2015, p.10)

Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) a teoria de Piaget permite a introdução da escrita como objeto de conhecimento, enquanto a aprendizagem envolve o sujeito que tem a capacidade de processar o conhecimento, ou seja, o sujeito cognoscente. Admite ainda a introdução do processo de assimilação que inclui novos elementos à base da aprendizagem já existente e estruturada, mesmo que de ordem natural e individual. Levando em consideração que a aprendizagem, inerente à psicologia genética, é um processo de obtenção de conhecimento, ratificando assim que a aquisição de conhecimento resulta da própria atividade do sujeito.

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1988) em seus estudos sobre a teoria da psicogênese da língua escrita, a Alfabetização é um processo complexo que implica a compreensão do estudante que passaria por etapas sucessivas e pela elaboração de hipóteses para se apropriar do sistema de escrita alfabética. Portanto, cabe ressaltar que a diversidade de hipóteses está presente em sala de aula e deve ser vista como um aspecto importante na organização do trabalho pedagógico, contemplando a lógica do processo de aprendizagem, em contextos significativos e com a variedade de gêneros textuais que circulam no meio social.

O Estudo da Psicogênese da Língua Escrita de Ferreiro e Teberosky (1999), centraliza-se na forma como se organiza o pensamento das crianças durante o desenvolvimento e a aprendizagem no período da alfabetização, enfatizando o protagonismo das mesmas durante a concepção deste processo. Tal estudo contempla algumas hipóteses desenvolvidas pelas crianças para melhor compreensão dos níveis ou estágios de aprendizagem que envolvem apropriação e consolidação do sistema de escrita.

Magda Soares dá destaque aos estudos de Emília Ferreira e Teberosky, ao descrever os níveis de escrita tendo como objetivo “os processos cognitivos da criança em sua progressiva aproximação ao princípio alfabético de escrita, ou seja, o objeto de conhecimento é a escrita como um sistema de representação” (SOARES, 2022, p.62).

Soares (2022), concordando com as hipóteses de escrita, conforme descritas abaixo³, explica que a Alfabetização não é um simples método a ser seguido pelos docentes, para que as crianças de uma forma automática decorem e se apropriem do alfabeto.

Nível 1 - fase do grafismo - representação gráfica: o desenho e a escrita. Se há exigência que escreva uma determinada palavra, a criança muito provavelmente irá desenhá-la, utilizando um símbolo que remeta a tal palavra;

Nível 2 - pré-silábico - tem início a diferenciação entre o desenho e a escrita. A criança passa a utilizar as letras com seus valores sonoros e sem o número correspondente de sílabas;

Nível 3 - silábico --- cada sílaba tem uma letra correspondente, sem uma regra específica e sem correspondência sonora. Adiante as letras terão valor sonoro representando um dos fonemas da sílaba.

Nível 4 - silábico-alfabético – transição da fase do silábico para o alfabético quando a sílaba começa a ser percebida a partir dos fonemas.

Nível 5 - escrita alfabética – fim do ciclo – parte final da assimilação do processo de apropriação do sistema da escrita.

A partir do pressuposto de que ler não é só decifrar, não é só transformar letras em sons, sem atribuir significado ao que é lido (KOCH & ELIAS 2006), é possível afirmar que ler é uma atividade intelectual que exige a construção de significados, que envolvam processos de percepção, memória, inferência e processamento.

Segundo Soares (2021) o Letramento é muito mais que saber fazer uso da tecnologia da língua escrita, de dominar o ato de escrever, é o uso social da leitura e da escrita, é a construção de uma visão de mundo. Já para Ferreiro e Teberosky (2007) a criança que cresce em um meio letrado é exposta a diversos tipos de interações, não havendo uma idade certa e nem necessariamente da figura do professor para que ela comece a aprender. Ela é capaz desde o nascimento de assimilar conhecimentos complexos e o sistema de escrita é um deles.

³ Nesta pesquisa os níveis são contemplados de maneira breve e geral, servindo para ilustrar de forma didática o processo de aquisição da escrita, uma vez que o foco central do estudo é o Reagrupamento na Alfabetização.

3. A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA E O PROFESSOR ALFABETIZADOR

O professor tem dentro do escopo de suas atribuições o acompanhamento das necessidades e potencialidades dos estudantes durante o processo educativo. É com base em suas observações e análises que surgem as demandas a serem atendidas conforme o esperado para cada etapa.

Para Vigotski (1998), há uma diferença entre o que o sujeito pode fazer sozinho e o que ele pode fazer com a ajuda de um colega. Com isso o professor atua a partir da zona de desenvolvimento proximal dos estudantes, qualquer que seja o nível ou etapa e assim poderá promover o desenvolvimento de cada um desses sujeitos.

Cabe destacar nessa pesquisa um estudo feito por Zoia Prestes (2012), onde ela cita os livros "Pensamento e linguagem" e "A formação social da mente", foram as primeiras introduções de Vigotski no Brasil, que foram tão alterados de forma significativa e intencional que é possível dizer que não foram escritos pelo estudioso. A autora afirma que as alterações foram feitas para apresentar um Vigotski menos marxista e menos comprometido com o regime socialista. Um exemplo disso é a tradução do conceito de "zona de desenvolvimento iminente" por "zona de desenvolvimento proximal" ou "zona de desenvolvimento imediato", que a autora considera como traduções pouco cuidadosas.

Tanto a palavra proximal como a imediato não transmitem o que é considerado o mais importante quando se trata desse conceito, que está intimamente ligado à relação existente entre desenvolvimento e instrução e à ação colaborativa de outra pessoa. Quando se usa zona de desenvolvimento proximal ou imediato não está se atentando para a importância da instrução como uma atividade que pode ou não possibilitar o desenvolvimento. Vigotski não diz que a instrução é garantia de desenvolvimento, mas que ela, ao ser realizada em uma ação colaborativa, seja do adulto ou entre pares, cria possibilidades para o desenvolvimento. (PRESTES, Zoia, 2012, p. 190).

Seguindo a nomenclatura que Prestes (2012) propõe, para Vigotski (1998), a Zona de Desenvolvimento Iminente estabelece as funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que irão amadurecer. Conseqüentemente no processo de aquisição da língua escrita o professor será o principal sujeito que faz a mediação e a intermediação da criança com o mundo da escrita.

a organização do trabalho pedagógico exige uma postura diferente do professor, que deve sair da posição de mero transmissor do conhecimento para ser um agente organizador e provedor de ambientes e situações de aprendizagem, valorizando o estudante como ser autônomo, capaz de agir e compreender as transformações sociais e contribuir com soluções para os problemas enfrentados por meio da aproximação com os objetos de conhecimentos da ciência. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.207)

Desta forma, a escola também assume o papel de mediadora dos saberes a serem adquiridos pelos sujeitos em decorrência das necessidades apresentadas a partir do universo estabelecido da leitura e da escrita,. Já o professor em sua atuação deve adotar uma postura reflexiva e analítica que irá consolidar o seu papel de alfabetizador.

Para Carvalho (2019) ao docente é necessário um misto de saberes para desenvolver seu ofício, o diálogo entre os professores sobre a prática reforça e consolida estes saberes docentes e, conseqüentemente, os fazem capazes de melhorar as próprias qualidades profissionais. A mesma autora cita Nóvoa (1992) quando este propõe uma formação docente crítico-reflexiva sobre o ofício e as experiências dos educadores, advertindo que esta fornece os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de formação auto participada. Para Carvalho,

É essa troca de saberes que consolida a prática docente durante o percurso profissional, constituindo-se em conhecimentos que são re(construídos) ao longo da trajetória de formação e atuação profissional. Essa troca possibilita ao professor ampliar sua compreensão sobre questões pedagógicas que envolvam seu trabalho, compartilhando dúvidas, anseios, limitações, desafios, avanços com parceiros mais experientes, permitindo, inclusive, repensar suas atividades e seu ofício. (2019, p.102)

O professor deve criar oportunidades para a aquisição de conhecimentos que permitam que os estudantes acessem as formas mais elaboradas de saberes sistematizados, reafirmando dessa forma o papel da escola e da educação. (GAUTHIER et al apud CAPICOTTO, 2017, p. 74)

A necessidade de sistematização dos conhecimentos não atribui ao aluno um papel passivo, mas por meio da orientação docente, ele realiza um processo de análise dos conhecimentos apresentados, buscando regularidades e a construção de sentido, até tomar para si os conhecimentos que foram elaborados ao longo da história da humanidade. Nesse processo, o professor se realiza ao poder ensinar conhecimentos por ele já conquistados e os alunos têm prazer em aprender o que antes ignoravam. (CAPICOTTO, 2017, p. 74)

Ainda de acordo com Gauthier et al, conforme citado por Capicotto (2017, p. 74-75)

o papel e o enfoque de intervenção realizada pelo professor de acordo com a forma e o tipo de atividade de aprendizagem (individual, pequenos grupos, classe toda), ressaltando que os ganhos de aprendizagem são maiores ao envolver quantidade menor de atividades individuais ou independentes; a explicação de um conteúdo de maneira sequenciada, envolvendo certo grau de redundância, além da clareza ao apresentar conteúdos e tarefas; a rapidez da correção do professor durante a realização de tarefas e exercícios, intervindo nos conceitos elaborados pelos alunos; a utilização de perguntas aos alunos durante o processo de ensino, deixando um tempo para que respondam; a utilização da maior parte do tempo escolar para a aprendizagem dos alunos. Soma-se a esses procedimentos a avaliação, tanto dos alunos quanto do próprio trabalho realizado. O professor precisa avaliar em todo percurso do ensino e não somente ao final, como forma de verificação de aprendizagem.

Por conseguinte, o professor deve avaliar não só o desempenho dos estudantes, mas também o seu próprio trabalho, a fim de intervir intencionalmente na aprendizagem. E quando se trata da alfabetização, é necessário considerar na avaliação e intervenção, o que Antunes (2009) menciona, isto é, a interação, a participação social, a cidadania, a comunicação ampla e abrangente, a língua como instrumento de verbalização do ontem, do hoje e do amanhã.

Ao observar o trabalho do professor na Alfabetização se faz necessário a compreensão de que o ensino é muito mais do que a transmissão de informações e de regras. Ela cria oportunidades e acesso a diversas formas de comunicação e de textos orais e escritos. No entanto, a impressão que se tem é que muitas crianças ainda concebem a língua e os seus usos como algo distante, monótono, cheio de regras e de difícil compreensão, além de ser distante e diferente de como eles falam e escrevem em casa com seus familiares e amigos. O professor deve ser o agente da transformação, do aprendiz para a vida e para a conquista do indivíduo como cidadão.

Compreendendo o papel que configura o professor alfabetizador como fundamental para o processo de aquisição e leitura do educando, considerando-o parceiro na jornada para a apropriação de novas linguagens, como aquele que introduz a criança em seus primeiros contatos com a leitura e a escrita, recai sobre ele a grande responsabilidade em despertar ou inibir na criança o desejo de aprender e conhecer o mundo em seu entorno. Cabe a ele possibilitar o acesso às diferentes linguagens que circundam o mundo (plástica, musical, cênica, visual) posto no âmbito social, que ampliam o universo cultural e possibilitam entender e intervir na realidade. (MARINHO, 2009, p.18)

A Alfabetização é cheia de significados, que superam sentenças prontas e vazias. Ela vai muito além de orações banais e sem sentidos como “Ivo viu a uva”. O professor deve propiciar aos seus estudantes a oportunidade de vivenciar a língua em sua plenitude, não evidenciando somente o treino e sim a situação real de atividade verbal e de reflexão sobre os processos linguísticos, seus usos e funções sociais, isto é, alfabetizar letrando.

4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

4.1 METODOLOGIA

Segundo Minayo (2001) a pesquisa qualitativa, que foi adotada como abordagem neste trabalho, se reafirma a partir da busca de informações que questionam, analisam e refletem sobre a realidade a ser pesquisada. Construindo, a partir dos estudos propostos, um universo concebido por diversas considerações, crenças, valores e atitudes. É a subjetividade norteando os caminhos a serem percorridos durante a pesquisa.

A pesquisa qualitativa tem como objetivo interpretar e dar significados aos fenômenos analisados. Nessa abordagem, os resultados não são traduzidos em números, unidades de medidas ou categorias homogêneas de um problema (...) A abordagem de pesquisa qualitativa considera a relação dinâmica entre o tema e o objeto de estudo e o sujeito (pesquisador). O vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. O ambiente natural como fonte direta para coleta de dados. O pesquisador como instrumento-chave. O processo e o seu significado como os focos principais da abordagem. (REIS, 2008, p.57 -58)

Considerando o objeto de estudo e a abordagem qualitativa, decidiu-se utilizar enquanto técnica de pesquisa a entrevista⁴ semiestruturada para gerar os dados. A entrevista proporciona a busca por detalhes e considerações pessoais de cada sujeito nas experiências que muito enriquecem a construção e análise da pesquisa. Conforme Gil (2011) ao escolher a técnica da entrevista em detrimento de um questionário, se percebe vantagens, como a obtenção de maior número de respostas, uma vez que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que se negar a dar uma entrevista, ainda há uma maior flexibilidade, pois o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar mais facilmente às pessoas

⁴ A entrevista presencial foi realizada no primeiro semestre de 2023. Ocorreu durante a coordenação coletiva dos professores alfabetizadores da Escola Classe

e às circunstâncias em que ocorre a entrevista, além de possibilitar a percepção dos movimentos corporais, do tom de voz e da ênfase nas respostas do sujeito entrevistado

A entrevista foi realizada no primeiro semestre de 2023 a partir da elaboração de um roteiro, com seis perguntas que foram cuidadosamente pensadas para que as respostas tivessem um cunho objetivo sem, no entanto, deixar que pontos de reflexão da prática e da mediação docente fossem deixados em segundo plano.

- 1) Que estratégias você utiliza para alfabetizar as crianças?
- 2) A escola tem projetos de intervenção pedagógica? Fale um pouco sobre eles?
- 3) Na sua opinião, qual a finalidade do Reagrupamento?
- 4) Como o Reagrupamento é realizado na escola e em sua turma?
- 5) Quais os desafios enfrentados por você ao trabalhar com o Reagrupamento no processo de alfabetização?
- 6) Avaliando esse trabalho do Reagrupamento a partir da perspectiva das crianças, como você define as contribuições e limitações na apropriação do sistema da escrita e do letramento?

Para realizar as entrevistas entramos em contato com uma das professoras de uma escola participante do Programa Residência Pedagógica, do qual as pesquisadoras também fazem parte na Universidade de Brasília. A escola se mostrou acolhedora e não tivemos dificuldades em abordar os professores convidando-os para participar. As entrevistas aconteceram na própria escola em um único dia. Foi utilizado um gravador para captar o áudio, sendo transcrito para o trabalho na íntegra, o roteiro inicial foi seguindo de uma maneira bem informal em um tom de conversa bem reflexiva. Os docentes se mostraram à vontade e se dispuseram a colaborar, compartilhando fatos, experiências, dificuldades e expectativas. Foram utilizados nomes fictícios para preservar o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

4.2 - CARACTERÍSTICAS DO CAMPO: A ESCOLA E OS SUJEITOS

A Escola Classe é uma referência na Região Administrativa a que pertence, sendo a primeira escola pública da cidade-satélite. É uma instituição de ensino com mais de 60 anos de funcionamento, tendo participado de vários projetos da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2022), a instituição de ensino possui diversos espaços educativos amplamente utilizados, como a sala de leitura e vídeo, sala pedagógica para a confecção de materiais didáticos diversos e sala de recursos e apoio à aprendizagem. Além de possuir projetos pedagógicos de grande destaque entre as crianças e os docentes: o Arteler e o Matemática Viva, que visam valorizar a ludicidade, as experiências, as produções e os contextos que estão inseridas as crianças, dando protagonismos aos estudantes e enfatizando o papel do docente na condução da prática pedagógica. A escola atende 276 estudantes, entre o 1º e o 3º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, totalizando 13 turmas do Bloco Inicial de Alfabetização (Profª AMORA - 3º ano)

Os professores que atuam ou atuaram no Bloco Inicial de Alfabetização da Escola Classe formam o público-alvo da pesquisa. A entrevista, como já informado, foi realizada com 6 professores que atuam no 2º, 3º e 4º ano, além da Coordenadora Pedagógica que lecionou até 2022 para o 2º ano na mesma instituição de ensino que é campo de estudo.

Os alfabetizadores entrevistados têm em média 12 anos de prática em sala de aula, mas há ainda uma professora que está atuando há 2 anos como alfabetizadora e um dos docentes que está há 25 anos na regência de turma. Os docentes possuem regime de contratação diferente junto a Secretaria de Educação do Distrito Federal, além de possuírem formação bem variada, conforme tabela abaixo:

FORMAÇÃO E TIPO DE VÍNCULO COM A SEEDF	NÚMERO DE PROFESSORES
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA	6
ESPECIALIZAÇÃO LATO SENSU	3

MESTRADO	1
PROFESSOR EFETIVO SEEDF	3
CONTRATO TEMPORÁRIO SEEDF	3

Tabela 1 - Informações dos professores entrevistados. Fonte: elaboração própria, 2023

Desta forma foi possível realizar um relato de vivências e reflexões muito propício à construção de uma análise mais abrangente da prática docente adotada pelos professores que trabalham com as turmas de Alfabetização e utilizam o Reagrupamento como estratégia de intervenção pedagógica.

5. O BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO E O REAGRUPAMENTO NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL

A Lei n. 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n. 9.394/96, ampliando a escolaridade mínima de 08 (oito) para 09 (nove) anos no Ensino Fundamental. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais os sistemas de ensino tiveram que criar novo currículo e proposta pedagógica que proporcionassem às crianças de 06 (seis) anos usufruir o direito à educação, em um contexto voltado para a alfabetização e letramento (BRASIL, 2013).

A LDB vem garantir o direito das crianças, especialmente daquelas que não tiveram oportunidades anteriores nas instituições educativas. Com isso, a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) antecipou-se ao restante do país e implantou, em 2005, o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), inserindo o estudante a partir dos 06 (seis) anos de idade no Ensino Fundamental e apresentando proposta de trabalho pedagógico diferenciado com ênfase na alfabetização e no letramento até o término do BIA (3º ano). A organização escolar do ciclo dos anos iniciais do Ensino Fundamental é a seguinte: 1º Bloco – Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) - 1º, 2º e 3º anos e 2º Bloco - 4º e 5º anos (DISTRITO FEDERAL, 2018). Ratificando que o foco deste trabalho de pesquisa são as turmas que compõem o BIA. De acordo com as Diretrizes Pedagógicas do 2º Ciclo:

Com a implantação do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) a partir de 2005, as unidades escolares que ofertam os anos iniciais da SEEDF passaram a vivenciar a organização escolar em ciclos que têm a progressão continuada das aprendizagens como princípio norteador do trabalho

pedagógico. Desse modo, considera que o estudante do BIA (1º Bloco do 2º Ciclo) deve concluir seu processo de alfabetização na perspectiva dos letramentos, de forma proficiente, em até três anos. (DISTRITO FEDERAL, 2014, p.59)

O Distrito Federal ao adotar o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) como estratégia pedagógica para ampliar o Ensino Fundamental na rede pública de ensino, permitiu que as crianças pudessem prosseguir continuamente nos estudos sem retenção, no entanto, isto não significa que a escola e os professores estivessem dispensados de avaliar os processos de ensino e aprendizagem, ao contrário, a proposta dos ciclos consiste em identificar lacunas e defasagens na aprendizagem das crianças, e com um tempo maior que um ano, investir em propostas mais apropriadas para atender as demandas de aprendizagem das crianças. Conforme o Currículo em Movimento:

espera-se que, ao finalizar o primeiro ano, o estudante leia e escreva um pequeno texto com compreensão e encadeamento de ideias, a partir de contexto significativo, sem exigências das complexidades ortográficas. Esse processo iniciado no 1º ano, deve ser ampliado e consolidado para que, ao final do 1º Bloco (1º ao 3º ano), o estudante seja capaz de usar a leitura e escrita eficientemente em situações comunicativas da vida em sociedade, na perspectiva do letramento e da ludicidade. (DISTRITO FEDERAL, 2018, p.20).

Para atender essa forma de organização curricular, as Diretrizes do BIA, propõem um acompanhamento pedagógico a partir de um **Diagnóstico** - ação que será a base para o planejamento do professor e subsidiará a elaboração de estratégias pedagógicas como o reagrupamento e o projeto interventivo, bem como justificará possíveis avanços e outras ações didáticas cotidianas. O Diagnóstico é caracterizado pela definição e utilização de diferentes procedimentos avaliativos; **Construção de Registros** - etapa que dará visibilidade e materialidade ao trabalho pedagógico; **Análise** - momento ímpar de reflexão sobre os dados contidos nos registros; **Planejamento e execução das intervenções pedagógicas** - caracterizado pela tomada de atitudes em relação às necessidades levantadas. (DISTRITO FEDERAL, 2014)

Conforme essas Diretrizes, é necessário ainda enfatizar a necessidade de integração e progressão curricular como sendo fundamental à Organização do Trabalho Pedagógico nos ciclos. É essa organização que proporciona intervenções

didáticas, como o Reagrupamento, em atendimento às necessidades de aprendizagem dos estudantes.

Segundo o PARECER N° 43/2016-CEDF, publicado no site da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que corresponde ao Programa para Avanço das Aprendizagens Escolares-PAAE há duas modalidades de Reagrupamento: intraclasse e interclasse, cada uma com características próprias que se diferenciam e ao mesmo tempo se complementam. O Reagrupamento intraclasse ocorre na formação de grupos de uma mesma turma, no horário das aulas, propiciando o desenvolvimento de potencialidades no ritmo próprio do grupo. O Reagrupamento interclasse consiste na formação de grupos de turmas diferentes, independente do bloco ou ano que o estudante esteja cursando, atentando para as necessidades e possibilidades previamente diagnosticadas

Assim, estamos compreendendo o Reagrupamento como uma possibilidade de intervenção pedagógica, uma estratégia de trabalho em grupo, permitindo o avanço contínuo das aprendizagens a partir da produção de conhecimentos que contemplem as possibilidades e necessidades de cada estudante. Possibilitando então, a mediação entre pares, pois os próprios estudantes auxiliam uns aos outros, na socialização de saberes e experiências. Desta forma, as crianças possuem um papel central, como indivíduos que possuem o protagonismo na construção do conhecimento.

6. MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E REAGRUPAMENTO NA ESCOLA CLASSE: PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES

O professor deve atuar considerando as diferenças existentes no universo de vivências que compõem a sala de aula. O contexto social, a partir dos desafios diários enfrentados nos processos escolares é determinante para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Desta forma,

O ato de ensinar na escola implica em um processo mediado que envolve o professor, o aluno e os conceitos ou conhecimentos produzidos historicamente. Nessa perspectiva, o professor se torna o mediador entre o aluno e o conhecimento científico e a apropriação da cultura da sociedade faz com que nos tornemos humanos. O papel do educador abrange fornecer os instrumentos necessários ao sujeito e agir a favor da aculturação. (CARDOSO e TOSCANO, 2011, p.13467)

A partir do recorte que contempla a alfabetização é possível analisar o papel que o docente desempenha na observação e condução das atividades pedagógicas. Neste sentido, conhecer as percepções dos professores do BIA sobre a mediação e o trabalho com Reagrupamento é necessário para apontar contribuições, desafios e limites desta proposta.

Com base nas respostas dos sujeitos foi possível identificar o Reagrupamento como uma intervenção pedagógica que muito enriquece o trabalho em sala de aula. Verificamos duas percepções a respeito do Reagrupamento.

Uma primeira percepção, que o compreende enquanto estratégia que possibilita a promoção de aprendizagem, a partir de diagnósticos, mediação docente, mas não só isso. As aprendizagens também seriam fruto das interações entre as crianças de diferentes níveis/hipóteses durante as atividades propostas pelo professor. É o caso das professoras Amora e Sabedoria:

O REAGRUPAMENTO também é uma estratégia que a gente utiliza no BIA (BLOCO INICIAL DE ALFABETIZAÇÃO) e no 4º e 5º ano. Tanto o interno, intraclasse, quanto o externo, interclasse, a gente utiliza, por exemplo, depois de feito o diagnóstico inicial, a gente consegue fazer o mapeamento da turma, vê a fragilidades, aquilo que as crianças ainda não alcançaram ou ainda não tem como pré-requisito naquele ano letivo, mas que precisam alcançar e também o contrário aqueles que já estão adiantados e que a gente precisa promover outras aprendizagens para que ele não fique ali na zona de conforto. Então o REAGRUPAMENTO é uma estratégia muito importante para que o professor consiga trabalhar esses dois pontos: as fragilidades e as potencialidades da turminha. (Profª Amora – 3º ano)

O REAGRUPAMENTO, na verdade, é dar oportunidade para a criança. Tanto para quem já tá avançado para avançar mais ainda como para quem ainda está aquém para acompanhar as crianças que já estão lá com as habilidades desenvolvidas para aquele ano. Aí o que acontece, as crianças que estão aquém, a gente dá oportunidade para que eles avancem e para quem já tá avançado a gente dá mais oportunidades. Se a gente não der oportunidade para quem já está lá na frente acaba desmotivando. (Profª Sabedoria - 2º ano)

Na fala das professoras Amora e Sabedoria fica evidente a compreensão de que as crianças em processo de aprendizagem partem de um nível de desenvolvimento real, ou seja, daquilo que já consolidaram de conhecimentos, para um outro nível de aprendizagem, o que conseguem fazer com a intervenção de outros, que pode ser o professor, mas também as outras crianças,

a gente consegue ali, fazendo um pouco de malabarismo, dando autonomia para alguns grupos daqueles que já conseguem para que a gente consiga ter um olhar melhor para aqueles que estão com mais

dificuldade, mas aí até utilizando dos próprios alunos como mediadores da aprendizagem para ajudar aqueles que ainda tem dificuldade. (Profª Amora – 3º ano)

Encontramos similaridade entre essa percepção e o que diz Rego, uma estudiosa de Vigotski:

àquelas conquistas que já estão consolidadas na criança, aquelas funções ou capacidades que ela já aprendeu ou domina, pois já consegue utilizar sozinha, sem a assistência de alguém mais experiente da cultura (pai, mãe, professor, criança mais velha etc.) Este nível indica, assim, os processos mentais da criança que já se estabeleceram, ciclos de desenvolvimento que já se completaram. (REGO, 1995, p.72)

A segunda percepção de Reagrupamento é de que esta também é uma estratégia para promover as aprendizagens, e de que é necessário realizar um diagnóstico da turma para identificar os níveis/hipóteses das crianças, e com base nesta avaliação o professor divide grupos para fazer as intervenções. Assim, o professor seria o principal mediador no avanço das aprendizagens das crianças.

A gente divide a turma em grupos a partir das dificuldades baseada nos níveis. Eu tenho alunos PRÉ-SILÁBICOS E ALFABÉTICOS na sala. Quando fazemos o REAGRUPAMENTO a intenção é praticamente você fazer uma atividade que demanda tempo para o ALFABÉTICO para tentar auxiliar a criança que tem mais dificuldade, o que é muito complicado. As crianças em si elas se agitam querendo ver o que o outro grupo está fazendo, mas é uma tentativa. E ainda existe a nossa autocobrança para ajudar aquela criança que tem dificuldade(...)Inicialmente as crianças não aceitam. Eles têm aquele impasse. Eles começam a perceber a distinção dos grupos. Eles começam a perceber “porque aqui eu não sei, meu coleguinha também não sabe. Eita aquele grupo tá forte. (Profª Eda - 2º ano)

Porque a gente já tem a dificuldade de sala de aula de trabalhar com vários níveis de alfabetização e quando a gente separa a turma em níveis e cada nível vai ser atendido dentro da sua necessidade, facilita o trabalho do educador, de que está no caso alfabetizando e foi o que aconteceu na escola com a separação dos níveis o atendimento ficou bem mais tranquilo, bem mais fácil e o rendimento do aluno também é muito melhor. (Profº Ravel - 4º ano)

Nas falas de Eda e Ravel a figura do professor como mediador fica evidente ao narrarem que fazem uma avaliação diagnóstica para identificar as dificuldades das crianças, e assim proporem atividades “adequadas” aos grupos divididos por níveis de compreensão da escrita alfabética. No entanto, nos preocupa o que Eda diz sobre a dificuldade de aceitação das crianças que começam a perceber a distinção dos grupos. Uma vez que o Reagrupamento é para ser realizado também com a mediação entre as crianças de níveis de escrita diferentes, promovendo

entre si um auxílio entre os que estão em um determinado nível mais consistente e que servem de apoio e incentivo aos demais que ainda em fases anteriores das hipóteses de escrita.

essa discrepância entre a idade mental real ou o nível de desenvolvimento atual , que é definida com o auxílio dos problemas resolvidos com autonomia, e o nível que ela atinge ao resolver problemas sem autonomia, em colaboração com outra pessoa, determina a zona de desenvolvimento imediato da criança (...) A pesquisa mostra que a zona de desenvolvimento imediato tem, para a dinâmica do desenvolvimento intelectual e do aproveitamento, mais importância que o nível atual de desenvolvimento dessas crianças. (VYGOSTIKY, 2001, p. 327-328)

É fundamental que o docente reforce a importância da cooperação, sem, no entanto, destacar a dificuldade que cada criança apresenta e a fase do desenvolvimento da escrita que ela já conquistou. Trazendo sob esta perspectiva o que Vigotski (1998) afirma sobre as zonas de desenvolvimento real e proximal.

Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela. O que é, então, definido pela zona de desenvolvimento proximal, determinada através de problemas que a criança não pode resolver independentemente, fazendo-o somente com assistência? A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento, ao invés de "frutos" do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente. (SEEDF, 1998, p.58)

Para a coordenadora pedagógica o Reagrupamento é uma forma do professor não ser tão sacrificado, ou seja, é uma estratégia de auxílio ao trabalho docente, além de dar uma assistência ainda maior ao o estudante por parte da escola, quando se tratar do Reagrupamento interclasse, que envolve as turmas do BIA de todos os anos, ratificando a divisão por níveis de escrita e não por idade ou série.

É por que às vezes tem turma muito cheia e a professora por mais que ela tente pegar aquela criança na sala e dar uma atenção especial, ela não consegue. Ela pode até dar uma certa assistência, mas não o tanto que ela criança que está com dificuldade precisa. E quando a gente coloca todas as crianças no REAGRUPAMENTO fica mais fácil. (Profª Esperança Coordenadora Pedagógica)

Os professores da Escola Classe ao descreverem as mediações pedagógicas durante as entrevistas destacam a importância do universo lúdico.

Ressaltando o uso do jogo, do brincar e do competir como instrumentos didáticos que auxiliam na interlocução com os pares no processo de ensino e aprendizagem. Através de ações prazerosas que envolvem o uso do brinquedo, da brincadeira, da literatura, das artes e do movimento corporal que alimenta a interação sociocultural entre as crianças.

Aí eu vou trabalhando atividades através de jogos. Eu gosto muito de jogos simples como o UNO, como o JOGO DA MEMÓRIA, QUEBRA-CABEÇA, tem o LINCE, que desenvolve muito bem a percepção visual das crianças, eu uso muito na sala, duas vezes por semana mais ou menos, às vezes até mais. (Profª Sabedoria - 2º ano)

Os docentes conseguem ainda vislumbrar e externalizar a importância da avaliação diagnóstica a partir do Teste da Psicogênese, que atua como ferramenta para uma análise que possibilite a classificação dos níveis de escrita e da divisão dos grupos para a intervenção pedagógica no Reagrupamento.

Normalmente a primeira coisa que eu faço é o diagnóstico, nas primeiras semanas, o TESTE DA PSICOGÊNESE. Depois desse teste aí a gente começa a mapear a sala. A gente mapeia todas as crianças. Este ano, por exemplo, eu fui muito abençoada também porque a minha turma, pois além de ter somente 15 alunos, eu tenho 8 crianças ALFABÉTICAS, 6 SILÁBICAS ALFABÉTICAS e somente 1 SILÁBICA COM VALOR SONORO. Então eles estão assim a um passo, quem não tá lendo ainda tá a um clique da leitura. É uma turma muito boa. E aí o que eu faço: eu dividi em grupos, já mapeei aqui e já dividi em grupos de ALFABÉTICOS, SILÁBICOS ALFABÉTICOS E DO SILÁBICO COM VALOR SONORO, que é apenas um, mas vou misturar com SILÁBICO ALFABÉTICO para dar uma impulsada no conhecimento de quem tá no SILÁBICO COM VALOR SONORO. Aí eu vou trabalhando atividades através de jogos. Eu gosto muito de jogos simples como o UNO, como o JOGO DA MEMÓRIA, QUEBRA-CABEÇA, tem o LINCE, que desenvolve muito bem a percepção visual das crianças, eu uso muito na sala, duas vezes por semana mais ou menos, às vezes até mais. Então eu tô nessa pegada do jogo por enquanto. (Profª Sabedoria - 2º ano)

O trabalho realizado pelos professores do Bloco Inicial de ALFABETIZAÇÃO na Escola Classe é uma ação que tem a criança e o seu aprendizado como protagonistas da mediação pedagógica. Buscando compreender a criança dentro do seu contexto social e das dinâmicas de ensino e aprendizagem que formam a trajetória na Alfabetização. É um trabalho coletivo que transmite conhecimento e experiência a todos os envolvidos, uma vez que os momentos de partilha são imprescindíveis para a compreensão da leitura e da escrita das crianças e do trabalho que os docentes desenvolvem.

essa discrepância entre a idade mental real ou o nível de desenvolvimento atual, que é definida com o auxílio dos problemas resolvidos com

autonomia, e o nível que ela atinge ao resolver problemas sem autonomia, em a colaboração com outra pessoa, determina a zona de desenvolvimento imediato da criança (...) A pesquisa mostra que a zona de desenvolvimento imediato tem, para a dinâmica do desenvolvimento intelectual e do aproveitamento, mais importância que o nível atual de desenvolvimento dessas crianças. (VYGOSTIKY, 2001, p. 327-328)

Os professores da Escola Classe investigada demonstram em seus discursos terem ciência da responsabilidade que possuem em relação ao papel que desempenham na formação das crianças no Bloco Inicial de Alfabetização. Uma preocupação quase unânime entre os educadores é com a grande quantidade de alunos em sala de aula. Segundo os docentes esta questão prejudica o bom andamento das aulas e das atividades de intervenção pedagógica propostas. Alguns professores ressaltaram que o Reagrupamento acaba por não ocorrer da forma adequada por ter muitas crianças sob a sua regência.

A principal dificuldade é a quantidade de alunos por turma. A gente tem esse ano uma estratégia de matrícula que foi muito além do que nós, professores de alfabetização, esperávamos. Ter um número de alunos muito alto dificulta. Por exemplo, 30 crianças, 32, 33 como nós temos, é muito mais complicado de você garantir uma qualidade no atendimento individualizado para cada criança, o que REAGRUPAMENTO requer. Porém a gente consegue ali, fazendo um pouco de malabarismo, dando autonomia para alguns grupos daqueles que já conseguem para que a gente consiga ter um olhar melhor para aqueles que estão com mais dificuldade, mas aí até utilizando dos próprios alunos como mediadores da aprendizagem para ajudar aqueles que ainda tem dificuldade. Mas a principal dificuldade é o quantitativo de alunos por turma e a falta de um ajudante, que seria um próprio estudante de Pedagogia, um Residente Pedagógico poderia contribuir. Em casos de REAGRUPAMENTO seriam riquíssimos para facilitar. (Profª Amora – 3º ano)

Ao se pensar na contribuição que se tem na mediação pedagógica dentro do Reagrupamento fica evidente na fala dos professores que ressalta a aproximação com o universo das crianças ao adotar a ludicidade como uma das estratégias pedagógicas para auxiliar tanto no diagnóstico como no desenvolvimento das atividades, fortalecendo a estratégia por buscar identidade com os sujeitos envolvidos no processo de Alfabetização.

Ainda no campo das contribuições, é possível destacar a fala dos sujeitos da pesquisa ao descreverem a sua mediação passando pela a heterogeneidade dos grupos que estão sob a sua regência. Deixando em evidência que o trabalho do Reagrupamento exige que a criança seja percebida dentro de uma perspectiva da aquisição funcional da leitura e da escrita. No entanto eles têm claro que o Reagrupamento é mais uma das estratégias, uma vez que a escola possui um

projeto, o Arteler, que também trabalham elementos que reforçam a importância da intervenção pedagógica no Bloco Inicial de Alfabetização e ainda nas turmas de 3º e 4º anos, apresentando assim ações que a escola cria além das estratégias propostas pela Secretaria de Educação do Distrito Federal.

é um projeto onde a gente ensina a criança todos os passos de como produzir um texto. Só que a gente começa com o primeiro texto dela e dentro do próprio texto a gente vai mostrando para a criança o que precisa ser melhorado, o que precisa ser aprimorado, como ela vai fazer isso. Para que ela tenha subsídio para isso todo dia a gente faz uma leitura deleite, que é chamado turbilhão. Todo dia em sala tem a rodinha com a leitura deleite, que é para criança poder ganhar vocabulário. E aí esse ARTELER, ele é o carro-chefe da escola, porque quando a criança sai, termina o 5º ano, ela tá produzindo textos maravilhosos. O projeto passa por todos os anos da escola, começa com o 1º e vai até o 5º ano. (Profª Esperança Coordenadora Pedagógica)

Nas falas dos alfabetizadores fica implícito o comprometimento com as práticas pedagógicas, com o desenvolvimento dos estudantes e com a vontade de fazer um trabalho reconhecidamente eficiente de aprendizagem, mesmo destacando dificuldades que atuam como limites na atuação docente, como a grande lotação em salas de aula do BIA, espaços físicos nem sempre adequados e a falta de auxiliares em sala para realizar as atividades propostas pelo Reagrupamento.

É possível inferir que um dos desafios da mediação docente no Reagrupamento é compreender os motivos que levam os estudantes a não conseguirem atingir os objetivos propostos em cada etapa da Alfabetização. Segundo a coordenadora pedagógica da escola, quando o professor consegue entender que cada estudante tem o seu despertar, a alfabetização acontece. Outro desafio é envolver as crianças nas atividades como forma de troca de conhecimentos, despertando o aspecto colaborativo do aprendizado, trabalhando sob uma perspectiva de valorização da autoestima de cada criança. Sem destacar dificuldades e sim buscar o aprendizado no coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, retomamos o Objetivo Geral que era: **conhecer que tipo de mediação docente tem sido realizada no Reagrupamento do Bloco Inicial de Alfabetização, a fim de apontar contribuições, limites e desafios desta proposta em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal.**

Com esta pesquisa é possível reafirmar o papel importante que a mediação pedagógica realiza na efetivação do processo de Alfabetização e na consolidação do letramento.

De forma geral os docentes conseguem compreender seu papel de mediador, mesmo com todas as dificuldades materiais e didáticas que surgem no contexto escolar, preconizam o protagonismo do estudante, mas também conseguem elencar os desafios a serem enfrentados, além de ressaltar a importância do aprendizado compartilhado entre aqueles pares que vivenciam os diversos níveis de escrita em sala de aula.

A mediação pedagógica proposta no Reagrupamento, conforme apresentada nos documentos oficiais analisados, preconiza o entendimento de que os diferentes níveis de escrita podem ser um elemento importante nas estratégias de ensino e aprendizagem, uma vez que ao dividir a turma em grupos heterogêneos cria ricas possibilidades de aprendizagem, tendo o professor como mediador deste processo. Apesar de ser ainda muito difícil materializar isso em atividades pedagógicas, na generalidade os docentes perceberam que níveis diferentes de leitura e escrita entre os estudantes não deve ser um impedimento para a promoção da aprendizagem das crianças., sendo esta uma das questões levantadas durante a pesquisa, que é a necessidade de se buscar a diversificação nos grupos, para todos terem a oportunidade da troca de conhecimentos e aprendizagem

Por outro lado, também foi possível constatar a dificuldade que alguns professores ainda têm em compreender a organização das crianças em grupos heterogêneos, seja intraclasse ou interclasse. Mesmo reconhecendo a importância deste momento de interação e aprendizado compartilhado, alguns docentes ainda se apegam aos conceitos de forte e fraco, de mais e menos capaz, o que de certa forma descaracteriza o trabalho feito com o Reagrupamento e cria nas crianças uma certa insegurança por acharem que suas incapacidades serão apontadas para todos.

Cabe destacar ainda que durante a pesquisa foi possível inferir que a Alfabetização proposta em blocos pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, possibilita aquisição de conhecimentos sistematizados e a apropriação do uso

social da leitura e da escrita que tem início no 1º ano, se desenvolve de forma mais efetiva no 2º ano e se consolida ao término do 3º ano. A partir do 4º ano se inicia um novo ciclo de aprendizagem que se abre para o uso instrumental mais abrangente e consciente da Língua Portuguesa.

Ao analisar a mediação pedagógica durante o estudo percebeu-se que o professor se sente muitas vezes impotente frente às dificuldades enfrentadas como excesso de estudantes em sala de aula, a dificuldade de identificar o porquê da criança não evoluir no processo de aquisição da leitura e da escrita e a falta de auxiliares, como monitores ou residentes pedagógicos, na produção e aplicação das atividades de intervenção pedagógica. Tais desafios acabam gerando cobranças e frustrações por parte dos docentes que têm ciência da importância do trabalho desenvolvido e das consequências que falhas não supridas na Alfabetização podem ocasionar na vida dos estudantes e nas suas trajetórias escolares.

É importante destacar que instrumentos como testes da Psicogênese e a utilização de atividades lúdicas pelos docentes podem contribuir para a esse papel de mediador no processo de alfabetização. Por fim, em outra oportunidade seria interessante dar continuidade a pesquisa, observando a mediação realizada na escola (tanto de professores de forma intencional, quanto das próprias crianças de forma espontânea) e analisando do ponto de vista das crianças, como se sentem ao participar do Reagrupamento.

7. REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus Editora, 1. ed., 2012

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Brasil. MEC, SEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**, 2013, 563 p. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 12 mar. 2023

BRASIL.MEC, SEB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 12 abr. 2023.

CAPICOTTO, Adriana Dibbern. **Os saberes do professor alfabetizador: entre o real e o necessário**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 263 p. 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/151619>>. Acesso em: 12 mar. 2023

CARDOSO, Leila Aparecida Assolari; TOSCANO, Carlos. **A mediação pedagógica na sala de aula: o papel do professor na construção do conhecimento**. X Congresso Nacional de Educação - Educere, Curitiba, p.13466 - 13475, 2011.

CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto. Revista Temporis (ação). **O perfil do professor alfabetizador: formação, concepções e práticas docentes**. Cidade de Goiás, v.14, n.2, p. 99-109, jul/dez de 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/3241>. Acesso em: 14 fev. 2023.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF **Currículo em movimento do Distrito Federal Ensino Fundamental Anos Iniciais.** Secretaria de Educação do Distrito Federal, 2. ed. 2018

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF **Diretrizes pedagógicas para organização escolar do 2º ciclo para as aprendizagens: BIA e 2º bloco.** Secretaria de Educação do Distrito Federal, 1. ed. 2014

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo.** 21. ed. São Paulo: Cortez, 2015

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Maria Vanda. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

MAINARDES, Jefferson. **Alfabetização e práticas pedagógicas: trajetórias & vivências.** 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARINHO, Regina Célia Spiegel. **Professor-alfabetizador: representações e impactos da sua prática profissional**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 189 p. 2009. Disponível em:

<https://ppge.educacao.ufrj.br/dissertacoes/dissertacao_regina_celia_spiegel_marinho.pdf> . Acesso em: 20 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PARECER N° 43/2016-CEDF, **Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**, de 14 de março, 2016.

PPP, **Projeto Político Pedagógico**, 2022. Disponível em:

http://www.educacao.df.gov.br-conteudo/uploads/2021/07/ppp_ec_01_sobradinho.pdf

Acesso em: 15 mar. 2023

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa: Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Repercussões no campo educacional**. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília/UnB. Brasília, 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9123/1/2010_ZoiaRibeiroPrestes.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023

REIS, Linda. **Produção de monografia, da teoria à prática**. Brasília, Senac-DF, 2008, p.49-58.

REGO, T. C. **Vygotsky - uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização a questão dos métodos**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2022.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021

TEIXEIRA, Sonia Regina dos Santos. BARCA, Ana Paula de Araújo. Revista de Educação, Ciência e Cultura. **O professor na perspectiva de Vigotski: uma concepção para orientar a formação de professores**. Canoas, v.24, n.1, p.71-84, mar. 2019. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/4584>> Acesso em: 03.04.2023

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.